

Maria Filomena Gonçalves
María Victoria Navas Sánchez-Élez (Eds.)

O BARRANQUENHO COMO LÍNGUA
DE CONTACTO NO CONTEXTO ROMÂNICO



Edições Colibri

ÍNDICE

Nota de Abertura

Presidente da Câmara de Barrancos 7

Apresentação

Maria Filomena Gonçalves e María Victoria Navas Sánchez-Élez 9

Recopilación bibliográfica para el conocimiento de la lengua y la cultura barranqueñas

María Victoria Navas Sánchez-Élez 15

Graus de reestruturação em situações de intenso contacto: o caso do Barranquenho

Patrícia Amaral, Clancy Clements e Jordan Garrett 63

Enquadramento sociolinguístico de uma Proposta de Convenção Ortográfica para o Barranquenho (PCOB)

Victor Manuel Diogo Correia 79

Tradición oral femenina en Barrancos: las nanas, la boba y la fuente

Beatriz Quijada Coronel 101

O Barranquenho nos materiais do Atlas Linguístico de Portugal e da Galiza

Fernando Brissos 113

Líneas de trabajo y principales resultados del proyecto de investigación FRONTESPO

José Antonio González Salgado 137

Preservar uma língua, defender a cultura e a diversidade

Filipe Themudo Barata 165

Somos as nossas línguas. Diversidades e identidades

Manuel Célio Conceição 173

Reflexões sobre política e planificação linguísticas de uma língua minoritária e ameaçada: o Barranquenho

Maria Filomena Gonçalves..... 193

As políticas linguísticas e o processo de construção da norma ortográfica da língua mirandesa

Alberto Gómez Bautista221

APRESENTAÇÃO

Os textos que agora vêm a lume são fruto de muitos anos de dedicação de várias pessoas e entidades que, do ponto de vista científico e político, se têm ocupado da língua, a história, a geografia, a literatura, o folclore e a antropologia, de Noudar, Barrancos e as suas gentes.

Conhecemos as primeiras publicações de finais do século XIX, as do século XX, e, também, as mais abundantes e com títulos variados, do século XXI, período de verdadeira explosão de investigações universitárias, nacionais e internacionais, que tratam de várias temáticas. Para se chegar aqui, tanto as administrações académicas como as políticas deram muitos passos. Assim, recordem-se os trabalhos de campo dos investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, nos anos oitenta, para o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*, o *Encontro Regional de Lisboa da APL dedicado ao Professor Lindley Cintra*, assim como a publicação de alguns títulos na mesma década. Nos anos noventa, nota-se um significativo aumento de publicações acerca da língua, da cultura, da antropologia, da história e dos costumes. São bem conhecidos do público em geral alguns aspetos relativos à tradição das corridas de touros à espanhola, pois receberam interesse jornalístico a finais do século passado e inícios deste.

São sem dúvida abundantes os trabalhos sobre Barrancos no século XXI. A própria comunidade inaugurou em 2007, o *Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia*. Um ano antes, a Universidade de Évora criou um Mestrado *Estudos Ibéricos*, cujo plano de estudos incluía um seminário sobre Falares Fronteiriços. Em 2008, deram-se dois acontecimentos significativos, um de cariz universitário – a realização da *I Jornada de Falares Fronteiriços*, na Universidade de Évora – e outro, de tipo político e administrativo, a aprovação do Barranquenho, como Património Imaterial pela Municipal Câmara de Barrancos. Nos anos seguintes, continuam as atividades académicas como, em 2010, a publicação de um CDrom, no âmbito do Programa Operacional do Alentejo (2007-2013), contendo a gravação de entrevistas a falantes de Barrancos, que tratam de aspetos relativos à flora e costumes barranquenhos, e, em 2011, a organização do *I Seminário Internacional de Investigação Linguística*, no quadro do projeto *Falares Fronteiriços: o Barranquenho*. Na sequência deste, criou-

-se o projeto *Preservação e Valorização do Barranquenho* (2011-2015) que, no contexto das iniciativas da Associação Rota do Guadiana, PRODER, pretendia dinamizar vários aspetos da língua e cultura barranquenhas, numa parceria entre a Câmara de Barrancos, o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a Universidade Complutense de Madrid e a Universidade de Évora. Este projeto acabou por ficar sem efeito.

Os trabalhos sobre a história dos campos de refugiados espanhóis em Barrancos deram azo a toda uma série de contribuições sobre as relações entre Portugal e Espanha, voltando a colocar Barrancos e a sua população no cenário internacional, como mostra a celebração das Jornadas Internacionais *Memórias da Guerra de Espanha na Fronteira do Baixo Alentejo, 80 anos depois (1936-2016)*, organizadas pelas câmaras de Barrancos e de Oliva de la Frontera, em outubro de 2016. No ano seguinte, dá-se um salto qualitativo com a organização, na própria vila de Barrancos, do *I Congresso Internacional – O Barranquenho: Ponte entre Línguas e Culturas. Passado, Presente e Futuro*. Impulsionado pelas autoras desta introdução e pela Câmara Municipal de Barrancos, este congresso foi apoiado por várias entidades portuguesas estrangeiras, o que, por um lado, veio reforçar a projeção nacional e internacional e, por outro, robusteceu a autoestima da própria comunidade.

As colaborações que aqui reunimos, sob os auspícios do *Programa de Preservação e Valorização do Património Cultural Barranquenho (2021-2024)*, são fruto do mencionado Congresso e vêm ao encontro do que, a 15 de dezembro de 2016, as proponentes dessa reunião científica solicitaram à Câmara Municipal: reunir “em Barrancos alguns dos maiores especialistas em línguas / variedades mistas e, em especial no Barranquenho, promovendo tão valioso património imaterial, em conformidade com as recomendações da UNESCO [... para assim] desencadear um conjunto de medidas de política linguística”, de maneira a salvaguardá-lo. Nesse sentido, os trabalhos compilados nesta coletânea oferecem diferentes perspetivas sobre o Barranquenho: as fontes bibliográficas, o estudo linguístico de alguns dos seus aspetos e uma proposta de convenção ortográfica. Ao Barranquenho aplicam-se temáticas relativas à implementação e ao desenvolvimento de línguas minoritárias, numa perspetiva de política linguística, e, analisa-se, ainda, como paradigma, o caso do mirandês, do seu conhecimento à sua oficialização.

María Victoria Navas Sánchez-Élez compila uma série de títulos, quase seiscentos, nos quais aparece a terminologia Noudar, Barrancos ou barranquenho, relativos à língua e literatura barranquenhas, línguas em contacto, política linguística, dialetologia espanhola e portuguesa, história, geografia, geologia, arqueologia, antropologia, sociologia, economia, costumes e turismo, assim como incursões em redes sociais e meios de

comunicação. Toda esta informação tem como objetivo servir de fundamento à demonstração da consistência de Barrancos, da sua língua e da sua cultura, de modo a conseguir, primeiro, a sua aprovação como Património Imaterial de Portugal, e, depois, pela UNESCO.

Patrícia Amaral, Clancy Clements e Jordan Garrett, no seu trabalho, adotam a perspetiva da “linguística de contacto”. Com base em estudos realizados anteriormente e apoiados na atual literatura da área de “línguas mistas”, os autores apontam critérios linguísticos (por exemplo, ser língua nativa assente no bilinguismo da comunidade, sem ser língua franca; o léxico ter origem numa língua e a morfossintaxe noutra) que permitem sustentar a hipótese de o Barranquenho ser uma língua, e não um dialeto dependente do português ou do espanhol, conforme propõem alguns autores que definiram ou categorizaram esta realidade linguística. Com base num corpus constituído por entrevistas sociolinguísticas feitas a 20 falantes de Barrancos, os autores procuram comprovar essa hipótese, analisando aspetos da morfossintaxe do Barranquenho (colocação dos pronomes átonos ou clíticos e a estrutura argumental) e aspetos da semântica (o Pretérito Perfeito Composto), cujo comportamento revela processos de reestruturação. Os autores concluem que, exceptuando a criação num curto período de tempo, o Barranquenho apresenta propriedades distintivas de uma língua mista, sendo, por isso, um caso de estudo interessante para a linguística teórica.

Victor Manuel Diogo Correia, com base num inquérito realizado em 2014 na comunidade, a respeito das vantagens e inconvenientes de uma ortografia para a língua barranquenha, e também em anotações registadas durante duas estadias em Barrancos e em investigações anteriores, faz uma Proposta de Convenção Ortográfica para o Barranquenho (PCOB). No seu trabalho, o autor percorre as diferentes tentativas de escrita que têm existido na comunidade ao longo dos últimos anos – cartazes, publicações periódicas, textos literários –, quantifica os resultados dos inquéritos realizados e, finalmente, apresenta uma proposta de codificação escrita da língua barranquenha, entendendo que a representação gráfica é crucial para a estabilidade e o desenvolvimento não só da língua mas também, por extensão, da comunidade.

Beatriz Quijada Coronel apresenta uma investigação da literatura oral e tradicional. Com base num *corpus* com oito composições ouvidas de nove mulheres de Barrancos, a autora analisa as canções de embalar (“nanas”) localizadas na vila barranquenha, agrupando-as em dois temas: a fonte e a boba. No material recolhido à data da sua investigação, e apesar das suas limitações, a autora descobriu que algumas das canções de embalar têm melodias, que a mesma composição pode aparecer, na boca da mesma informante, quer em português, quer em espanhol (com algumas interfe-